



POR PEDRO VILAS BOAS

Presidente Executivo da ANAP
E-mail: pedrovb@anap.org.br

RECICLAGEM NO DNA

Se você der uma busca no Google com a frase “a invenção do papel”, vai ver que foi inventado na China no ano de 105 depois de Cristo, por T’sai Lun, que fez uma mistura umedecida de casca de amoreiras, cânhamo e “restos de roupas”, ou seja, o papel é, provavelmente, o único produto de grande consumo, que nasceu da reciclagem.

Em outras palavras, a reciclagem está no DNA do papel.

O crescente consumo do produto inviabilizou o uso de restos de roupas obrigando seus fabricantes a procurarem outras fontes de fibras. E onde há mais fibras que na madeira? Assim, a opção natural foi a utilização de árvores que, imediatamente, começaram a ser cultivadas, pois, não fosse isso, não existiriam mais florestas no mundo.

Mas o DNA da reciclagem está preservado e, aproximadamente, metade da produção mundial de papel tem origem na reciclagem, não mais na reciclagem de trapos e sim na reciclagem de si mesmo, ou seja, usamos aparas de papel para fazer papel novo.

No Brasil a história se repetiu, e a nossa indústria papelreira também teve origem na reciclagem, pois, no início do século passado, éramos importadores de papel, e alguns

empreendedores logo viram o potencial de reciclar estes papéis, ou das aparas originadas destes papéis, e deram início a pequenas fábricas principalmente localizadas em São Paulo e no Rio de Janeiro. Isso em uma época em que o valor ambiental da reciclagem sequer era cogitado.

É interessante notar que algumas pessoas de menor poder aquisitivo, mas de igual espírito empreendedor, antevendo a importância da matéria-prima, começaram estruturar sistemas de coleta que viabilizariam o fornecimento de material na quantidade e com a característica técnica demandada pela nascente indústria nacional de papel, surgindo assim, a figura do aparista.

Hoje disputamos a posição de 10.º maior produtor mundial com Coreia do Sul, Indonésia, Finlândia e Canadá, o que significa que, em 2019, produzimos 10,5 milhões de toneladas de todos os tipos de papel, incluindo os não reciclados e os que, por possuírem características específicas, não têm condição de serem reciclados, sendo obrigatoriamente descartados após seu consumo.

Os principais tipos de papel recicláveis são os papéis de impressão, de embalagem e o papelcartão que, em 2019,

Consumo mundial de aparas de papel em milhões de toneladas

Região	2017	2018	2019
América do Norte	31,0	32,0	31,3
Europa	59,0	59,6	60,5
Ásia	141,2	137,1	132,7
América Latina	14,5 14,7	14,6	
Outras Regiões	4,6	5,1	5,0
Mundo	250,3	248,5	244,1

Fonte: RISI

Nota: Este artigo especial não traz as atualizações normalmente publicadas e tabelas de dados da coluna ANAP. Os dados atualizados desta coluna serão publicados na próxima edição da revista *O Papel*.



Recuperação de aparas de papel em mil toneladas

Produto	2017	2018	2019	Evolução 19/18
Imprimir e escrever				
• Consumo aparente de papel	2.069	2.023	1.849	-8,6%
• Coleta de aparas - brancas	820	877	710	-19,1%
• Taxa de recuperação	39,6%	43,4%	38,4%	
Embalagem				
• Consumo aparente de papel	4.872	4.861	4.942	1,7%
• Coleta de aparas - marrons	4.025	4.096	4.115	0,5%
• Taxa de recuperação	82,6%	84,3%	83,3%	
Papelcartão				
• Consumo aparente de papel	571	603	592	-1,8%
• Coleta de aparas - cartão	124	115	111	-3,2%
• Taxa de recuperação	21,7%	19,1%	18,8%	
Consumo aparente total	7.512	7.487	7.383	-0,3%
Coleta de aparas total	4.969	5.088	4.936	-3,0%
Taxa de recuperação	66,1%	68,0%	66,9%	

Fonte: IBÁ / ANAP / Anguti

Obs.: Coleta de aparas inclui exportações.

apresentaram um consumo aparente (produção+importação-exportação) de 7,4 milhões de toneladas e destas conseguimos recuperar 4,9 milhões com uma taxa de recuperação de 66,9%.

Tal percentual de recuperação é bastante expressivo e coloca o Brasil bem acima da média mundial, porém, temos outra característica que poucos países têm, ou seja, tudo que recuperamos é consumido pela própria indústria na fabricação de um novo papel.

Os países campeões de reciclagem, na verdade, são campeões de coleta, pois utilizam grande parte das aparas de papel na chamada reciclagem energética que nada mais é do que a queima de lixo com geração de energia, ou exportam suas aparas para outros países, como a China, por exemplo. Por aqui, a reciclagem energética não é bem vista ainda. Entretanto, terá de ser implementada, se quisermos atingir maiores volumes de recuperação de aparas de papel.

Com relação às exportações, nossas aparas até são bem aceitas no exterior, mas os custos logísticos e nossos compromissos com a indústria nacional têm nos colocado fora deste mercado.

Apesar de altos índices de reciclagem, ainda temos um desafio de ampliar e buscar a melhor destinação de mais resíduos. Contudo, a ampliação das taxas de recuperação depende do envolvimento de todas as esferas, desde o consumidor, que precisa dar a correta destinação para suas embalagens, até as prefeituras e concessionárias de resíduos urbanos, que precisam oferecer ampliação da cobertura desse serviço.

Uma parte começa nos lares, com o correto descarte, separando os papéis de resíduos orgânicos e limpando e secando outras embalagens. Muitos produtos de papel que poderiam ser reciclados não são destinados para este fim e acabam sendo destinados com o lixo orgânico.

Por exemplo, aquela caixa de bombom que tem origem sustentável, pode e deve ter uma destinação correta, assim como caixas de leite, de pizza (com atenção para as partes engorduradas que não podem ser misturadas ao material reciclável) e outros produtos que estão no dia a dia e têm potencial para retornar à cadeia produtiva. Assim, do que depender de nós, vamos juntos fortalecer a economia circular e reduzir a pegada de carbono de toda a nação. O planeta agradece! ■

A Anguti Estatística elabora relatórios mensais para você acompanhar os mercados de aparas de papel, papéis de embalagem e papéis de fins sanitários. Conheça e assine nossos relatórios mensais com dados mais detalhados em: www.anguti.com.br
Tel.: (11) 2864-7437

